

CAPÍTULO V: INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. Análise global do jogo

1.1. Relação entre as posses de bola e as fases de jogo

Perante os resultados observados verificamos que um jogo de Hóquei em Patins do escalão de Juvenis, tem, em média, 130 posses de bola, o que comparando com os resultados obtidos por Ferreira (2003), para o escalão de Seniores, constatamos que, os juvenis, têm em média menos posses de bola por jogo.

No entanto, estes resultados são perfeitamente naturais, pois um jogo de Hóquei em patins de Juvenis tem, por regulamento, menos dez minutos que um jogo de Seniores. Atendendo a este facto, até poderíamos considerar que um jogo de Juvenis tem em média mais posse de bola que um jogo de Seniores.

Tendo em conta os resultados obtidos (Tabela 2), verifica-se também, que o ataque organizado é a fase de jogo mais frequente, o que está de acordo com os resultados encontrados por Ferreira (2003), diferindo assim de Almeida (1996), que refere no seu estudo ser o contra-ataque a fase de jogo mais frequente. Relativamente aos resultados encontrados por Ferreira (2003), a diferença entre a percentagem de contra-ataques e ataques organizados observados neste estudo é bastante inferior, pois o nível técnico e o rigor tático é inferior no escalão de Juvenis.

1.2. Origem das posses de bola

No que diz respeito às origens das posses de bola (Tabela 3 e Gráfico 2)), verificou-se que a falta (31%) e o ressalto defensivo (19%) são as acções de jogo que geram um maior número de posses de bola. Estes resultados podem ser explicados pela diferença de nível técnico do escalão de Juvenis em relação ao escalão de Seniores, no qual o nível técnico é superior, tal como o controlo de bola e o rigor tático. Para além disto, temos de ter em consideração as características do terreno de jogo como também

do próprio jogo, que permite ser facilmente recuperada pelo adversário como pela equipa que ataca.

Os resultados encontrados por Ferreira (2003), e Carvalho (1997), para o escalão de Seniores, nos quais se aponta o remate adversário como a principal causa de origem de posse de bola, em parte estão em concordância com os nossos resultados, pois a grande maioria dos ressaltos defensivos foram ganhos em consequência de remates adversários, tal como a recuperação defensiva, que aparece como a terceira acção de jogo de início da posse de bola. Estes resultados discordam quando aparece a falta com uma elevada percentagem de início de posse de bola, distinguindo assim dos resultados dos estudos referidos.

Os resultados obtidos por Almeida (1996), apontam o desarme e as faltas atacantes como as principais fontes de recuperação da posse de bola. Quanto ao desarme, não está de acordo com os nossos estudos, se considerarmos o desarme como acção de jogo individualmente. No caso de ser incluído no grupo dos erros adversários (Gráfico 2), então já está mais de acordo com os resultados obtidos no nosso estudo. Em relação às faltas atacantes, existe concordância.

Quanto aos remates a diferença explica-se pelo facto do jogo do escalão de juvenis ter um tempo regulamentar inferior em dez minutos ao escalão de seniores, resultando num menor número de remates por jogo. Quanto ao desarme, o rigor táctico, posicionamento e controlo de bola é inferior em relação aos Seniores, o que faz com que uma acção de jogo se transforme mais facilmente em falta.

1.3. Áreas de início das posses de bola

Consoante os dados recolhidos, podemos observar que a tendência de recuperação da posse de bola (tabela 4) é na maior parte das vezes na área intermédia E (16%), na área ofensiva A (10%) e nas áreas defensivas, A (14%), B1, C e D (cada uma com 10%).

Estes resultados estão de acordo com Almeida (1996), Carvalho (1997) e Ferreira (2003), que também referem a faixa central e zona defensiva como as principais zonas do campo onde se recupera mais vezes a bola. Estes resultados parecem-nos lógicos, e tal como Ferreira (2003) afirma, as acções defensivas, são predominantemente realizadas em zonas defensivas, à frente da baliza, e por isso o número de recuperações é mais elevado nestas zonas do campo. É de referir também

que as áreas B são as zonas do terreno de jogo onde o número de tentativas de finalização é maior, e a faixa central é onde decorre mais tempo de jogo, o que torna natural que seja nestas zonas onde se recupere mais vezes a bola.

1.4. Relação entre as origens das posses de bola e as fases de jogo

Relativamente às origens das posses de bola nas diferentes fases de jogo (Gráfico 2), constatamos que o contra-ataque tende a começar (87%) após erro do adversário, enquanto que para o ataque rápido e o ataque organizado, a tendência é iniciarem-se após falta, continuação da posse de bola, após golo, etc. Quanto ao contra-ataque, os resultados estão de acordo com os resultados encontrados por Ferreira (2003), que também aponta o erro adversário como o principal potenciador desta fase de jogo.

Quanto ao ataque rápido e ataque organizado, os resultados diferem. Para estas fases de jogo, o mesmo autor, refere que ambas têm início maioritariamente após remate.

Se o contra-ataque se inicia, principalmente, após erro adversário, deve-se ao facto de ser uma fase de jogo que se caracteriza pela superioridade numérica face aos defesas, pois são “apanhados” de surpresa pelo facto de terem cometido um erro e não terem tempo de organizar estruturas defensivas, beneficiando o contra-ataque, no qual as equipas procuram chegar com grande rapidez às zonas mais próximas da baliza, onde a probabilidade de êxito é maior.

Quanto ao ataque organizado, este normalmente resulta de acções adversárias que dão tempo a que a equipa se organize defensivamente, como foi o caso da maioria dos remates, obrigando a outra equipa a planear e organizar um ataque que permita superar a estrutura defensiva com a qual se depara. O ataque organizado é também a fase de jogo em maior número gerada pela continuação da posse de bola, pois quando as outras fases de jogo não resultam, as equipas optam pela continuação da posse de bola em ataque organizado, devido às defesas adversárias já se terem organizado.

1.5. Relação entre as áreas de início das posses de bola e as fases de jogo

Relativamente às áreas de início da posse de bola nas diferentes fases de jogo (Tabela 5), verificamos que todas as fases de jogo têm maior tendência a iniciarem-se na zona defensiva e intermédia, embora o ataque organizado, sobretudo devido às continuações da posse de bola, tem também muitas vezes início na zona ofensiva, sobretudo A (15%), C e D (15%), o que distingue das outras fases de jogo, na qual a percentagem de início da posse de bola em zonas ofensivas é quase zero.

Estes resultados são também partilhados por Ferreira (2003), cujo estudo refere que estas fases de jogo se iniciam principalmente em zonas defensivas e intermédias.

Consideramos estes resultados normais, pois é fundamentalmente nestas zonas que se recupera a posse de bola.

1.6. Relação entre as acções de remate, taxa de eficácia e as fases de jogo

No que diz respeito às acções de remate nas diferentes fases de jogo (Tabela 6), o contra-ataque é a fase de jogo que proporciona, relativamente ao número de posses de bola, um maior número de remates (39%), apresentando também um maior índice de eficácia (17%). O ataque organizado é a fase de jogo na qual a taxa de eficácia é menor (5%). Como seria de esperar o contra-ataque é a fase de jogo onde se remata mais e mais certo, contrariando os resultados de Ferreira (2003), que aponta esta mesma fase de jogo, como a que tem a menor percentagem de remates tentados e concretizados, sendo o ataque rápido a fase em que a eficácia e índice de remates é superior. A explicação para tal poderá estar nas diferenças próprias que existe entre o escalão Juvenil e o escalão Sénior, no qual a percentagem de contra-ataques é inferior ao escalão Juvenil.

Tal como Almeida (1996) e Ferreira (2003), também o nosso estudo revelou, embora superior, uma taxa de eficácia do remate baixa, comparando com outras modalidades como o basquetebol, no qual 90% das posses de bola terminam em lançamento, e 50% a 60% têm êxito (Marques 1995, citado por Ferreira 2003).

Este baixo índice de eficácia podemos explicar pelo facto do tamanho da baliza ser reduzido, pelo remate surgir de zonas do campo com baixa probabilidade de sucesso e, no escalão de Juvenis, talvez pelo nível técnico e maturidade, serem inferiores aos de um jogador do escalão Sénior.

1.7. Relação entre as áreas de remate e a taxa de eficácia nas fases de jogo

Em relação às áreas de remate (Tabela 7, 8 e 9), podemos constatar que em contra-ataque é da área intermédia E, B1 e B2 ofensivas (33%, 19% e 15%, respectivamente), que mais se remata, sendo que, 74% dos remates tentados são concretizados da área B1. Já para o ataque rápido e ataque organizado a tendência mantém idêntica, com a concretização a surgir na zona central perto da baliza.

O mesmo se verifica no estudo de Almeida (1996) e Ferreira (2003), onde a zona preferida de finalização foi o interior da área de penalidade ou a zona central perto da baliza.

Estes são os locais do terreno de jogo onde a probabilidade de marcar golo é maior. Nestas zonas o ângulo de finalização é maior, devido à dificuldade de cobrir a baliza, por parte do guarda-redes, ser maior.

1.8. Acções e áreas de fim da posse de bola nas fases do jogo

Como os nossos resultados mostram, em contra-ataque (Tabela 7), a tendência para perder a posse de bola, surge na área E intermédia (33%) e nas áreas ofensivas, sobretudo pelo facto de ser uma fase de jogo onde a facilidade de chegar perto da baliza é maior, e onde a probabilidade de marcar concretizar o remate é superior, sobretudo na zona central, onde o ângulo de finalização é maior. Ainda assim, a maior percentagem de perda da posse de bola, surge na zona intermédia, o que está em desacordo com os resultados obtidos por Ferreira (2003), nos quais as zonas ofensivas B, tiveram a maior percentagem de perda de posse de bola. Isto pode-se explicar pelo facto do controlo de bola de um jogador do escalão de Juvenis, numa fase de jogo em que se impõe grande velocidade, não ser tão apurado como o de um jogador do escalão de Seniores, tal como o nível técnico de passe e recepção, e nível táctico. Por vezes surgiram também, remates da zona intermédia perfeitamente descabidos, com uma probabilidade de sucesso praticamente nula.

Quanto ao ataque rápido (Tabela 8) e ataque organizado (Tabela 9), diferenciam-se do contra-ataque pela elevada percentagem de perda de posse de bola das zonas laterais (C e D 34% e 30% respectivamente). Em ambas estas fases de jogo, a igualdade numérica entre defesas e atacantes é igual, o que faz com que os atacantes procurem as

zonas laterais para proteger a posse de bola e tentar iniciar os ataques à baliza, pois as zonas centrais estão mais ocupadas por defesas.

Em relação às acções que finalizam a posse de bola (Tabela 10), os dados recolhidos revelam que o remate (33%) é a acção final de posse da bola que mais ocorre durante um jogo de Hóquei em Patins do escalão de Juvenis, seguindo-se a falta (28%) e o desarme (19%). Analisando estes resultados verifica-se que são normais, pois a modalidade de Hóquei em Patins apresenta um elevado número de remates por jogo.

Quanto ao elevado índice de faltas, explica-se pela menor maturidade do jogador juvenil face ao jogador sénior, pela sua maior irreverência, própria da idade, assim como pelo inferior nível técnico e tático (sobretudo o posicionamento), já referido anteriormente.

Quanto ao desarme, é uma das principais armas de recuperação da posse de bola, tanto no Hóquei em Patins, como nas outras modalidades com bola.

2. Diferenças entre equipa vencedora e equipa vencida

2.1. Número e tempo total de posse de bola

Através dos resultados encontrados no nosso estudo (Tabela 11) verificamos que as equipas vencedoras têm mais tempo de posse de bola por jogo (14 minutos), face às equipas vencidas (11 minutos). Esta diferença resulta também num maior número de posses de bola por jogo para a equipa vencedora.

Ao contrário do estudo de Ferreira (2003), que não revelou diferenças entre equipas vencedoras e vencidas, os nossos resultados apontam essa diferença, mostrando uma supremacia de uma equipa sobre a outra. No entanto, consideramos que este factor, embora tenha sido diferente entre equipas vencedoras e vencidas, não foi o principal a fazer diferença no resultado final, até porque ter mais tempo de posse de bola não justifica ter a vitória, que dependerá mais de estratégias e eficácia no jogo.

A diferença que existe no tempo de posse de bola das equipas vencedoras e vencidas é diferente daquele que analisámos no estudo de Ferreira (2003), pois o tempo regulamentar de um jogo do escalão de Juvenis tem menos dez minutos que no escalão de Seniores.

2.2. Número de perdas de posse de bola

A perda da posse de bola pode ser um factor que determina a vitória de uma equipa sobre a outra. No entanto no nosso estudo, consideramos que este factor não foi determinante no resultado final, revelando os dados obtidos (Tabela 11), um certo equilíbrio entre as equipas em cada jogo, embora a equipa vencedora tenha perdido menos bolas (48%) do que a equipa vencida (52%).

Estes resultados estão em concordância com os resultados encontrados por Ferreira (2003), os quais também mostraram haver um certo equilíbrio entre a equipa vencedora e vencida. Apesar disso, os resultados deste autor e os nossos não estão de acordo pelo facto de ser a equipa vencedora a perder mais bolas, ao contrário do nosso estudo que mostrou, para o escalão de Juvenis, que a equipa vencida é aquela que perde mais bolas por jogo.

Se pensarmos que um jogo de Hóquei em Patins do escalão de Juvenis tem apenas 15 minutos e um jogo do escalão de Seniores tem 25 minutos, através dos resultados encontrados por Ferreira (2003) e os nossos resultados, verificamos que os Juvenis perdem mais cerca de 6% de bolas por jogo que os Seniores, o que se pode explicar pelas diferenças de nível técnico de um escalão para o outro.

2.3. Número de remates e sua eficácia

Os nossos resultados (Tabela 11) mostraram que a equipa vencedora é aquela que mais vezes remate por jogo (60%), e com maior eficácia face à equipa vencida, que remata menos (40%) e tem menor eficácia. O facto da equipa vencedora rematar mais vezes que a equipa vencida, também proporciona uma maior probabilidade de concretização, pois tem mais oportunidades para tal. Mas ter mais oportunidades de rematar não significa marcar mais golos, é preciso que os remates sejam certos, e uma equipa, mesmo que remate menos vezes mas que seja eficaz poderá obter a vitória. De facto, no nosso estudo, as equipas vencedoras, mesmo rematando mais, também foram mais eficazes no remate do que as equipas vencidas.

Em termos do número de remates, os resultados obtidos contrariam os de Ferreira (2003), para o escalão de Seniores, no qual as equipas vencedoras remataram menos vezes. Em termos de eficácia, já existe uma concordância com os nossos resultados, sendo que as equipas vencedoras têm maior eficácia que as equipas

vencidas. No que diz respeito ao Basquetebol, os estudos de Sampaio (1998), Dante, Gaspar e Siniscalchi (2002) e Marques (1990) revelaram igualmente que as equipas vencedoras lançam mais vezes e a percentagem de eficácia nos lançamentos de 2 pontos e lances livres contribuiu significativamente para a obtenção da vitória no jogo.

2.4. Remates e fases de jogo

Quanto às diferentes fases do jogo (Tabela 12), os resultados mostraram que o contra-ataque é a “arma” preferida das equipas vencedoras (55%), e a mais rentável, pois é a fase onde se concretiza mais golos. Embora esta não seja a fase de jogo dominante, é aquela que mais discrimina uma equipa da outra. O estudo realizado por Ferreira (2003) para o escalão Sénior, aponta no mesmo sentido.

Em termos de ataque rápido, existe um equilíbrio percentual, enquanto que em termos de ataque organizado, esta é a fase em que as equipas vencidas têm maior percentagem (52%), mas rematam menos que as equipas vencedoras. Segundo os resultados encontrados por Ferreira (2003), o ataque organizado é mais utilizado pelas equipas vencedoras, mas no entanto, rematam mesmo, diferenciando assim o escalão Juvenil do escalão Sénior.

Relativamente ao número de remates, as equipas vencedoras levam vantagem, rematando sempre mais que as equipas vencidas, em todas as fases de jogo, e demonstrando melhor qualidade, concretizando mais vezes. É esta superioridade na concretização e na qualidade das fases de jogo, sobretudo no contra-ataque, que faz a maior diferença entre equipas vencedoras e vencidas e que se revela mais preponderante na obtenção da vitória.

2.5. Tempo das acções em ataque organizado

Relativamente à fase de ataque organizado (Tabela 13), os resultados obtidos demonstram que as equipas vencedoras jogam em tempos de curta, média e longa duração, enquanto que as equipas vencidas jogam, sobretudo, em tempos de curta duração. Estes resultados estão de acordo com Ferreira (2003), cujo estudo revela que as equipas vencedoras apresentam um maior número de posses de bola de curta e longa duração.